

A TRAJETÓRIA DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: uma infância marcada pela exclusão¹

Cláudia Moraes da Costa²
Cláudia Pato³

RESUMO

O artigo apresenta os processos de exclusão encontrados na análise das trajetórias de vidas dos catadores de material reciclável da comunidade Reciclo, localizada na região administrativa de Taguatinga, Distrito Federal. Destacaremos o período denominado como infância como sendo o princípio da construção de uma trajetória pautada pela exclusão. Deste modo, o contexto desta discussão encontra referência em uma pesquisa anteriormente desenvolvida sobre a trajetória de vida dos catadores de material reciclável.

Palavra-chave: Catadores. Exclusão. Infância.

ABSTRACT

The article presents the processes of exclusion found in the analysis of the trajectories of the lives of recyclable material pickers from the cooperative Reciclo, located in the region of Brasilia, Distrito Federal. We will highlight the period known as childhood as the beginning of construction of a path marked by the exclusion. Thus, the context of this discussion is a reference in previous research on the life trajectory of recyclable material pickers.

Keywords: Pickers. Exclusion. Childhood.

¹ Esse artigo é um recorte da Dissertação que teve como título, Reciclagem e cidadania: a trajetória de vida dos catadores de material reciclável da comunidade Reciclo, defendida em dezembro de 2008, sob a orientação da Professora Doutora Cláudia Pato no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

² Mestre em educação, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, graduada em Pedagogia e professora da Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal. E-mail: claudia.moraesdacosta@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, professora da Faculdade de Educação e do Laboratório de Psicologia Ambiental do Instituto de Psicologia, na Universidade de Brasília. E-mail: claudiap@unb.br

INTRODUÇÃO

Atualmente convivemos com várias crises e rupturas em diversos setores da sociedade. De acordo com Boff.C (1998), o trabalho é um desses setores, sendo ele um dos meios em que se caracteriza, de forma concreta, a exclusão social. Assim, o autor identifica como excluídos os sujeitos que não conseguem se adaptar ao sistema formal, com isso esses sujeitos sobram dentro do contexto do trabalho informal.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (2008), um sexto, quase um bilhão da população mundial, vive em favelas. Nesses locais, o lixo, que é grande causador de debates e preocupações, referentes às questões ambientais contemporâneas, se constitui como condição para a sobrevivência dessa população. Sobrevivendo da sua comercialização e utilização, possibilidade única para a solução imediata de subsistência em situação de miséria.

No Brasil, de acordo com os dados do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável – MNCR (2007), os catadores de material reciclável estão presentes em 3.800 municípios brasileiros. Segundo o Código Brasileiro de Ocupações - CBO (2007), estes são compreendidos como: “as pessoas que vivem e trabalham, individual e coletivamente, na atividade de coleta, triagem e comercialização de materiais recicláveis” (p.11). Rodrigues (1997) aponta que há mais de cinquenta anos temos a presença dos catadores de material reciclável nas ruas dos grandes centros urbanos.

Como nos afirmam Filho (2005), Souza (2007), no Distrito Federal, esta situação é constante, pois visualizamos famílias inteiras fazendo esse trabalho, inclusive com crianças em idade escolar dentro de carroças e carrinhos improvisados e morando em barracos de lona, próximos a áreas onde trafegam veículos ou em áreas do cerrado. É comum enxergá-los trafegando com seus carrinhos, repletos de material, em vias movimentadas. Disputando, assim, com suas carroças e carrinhos o espaço entre os carros desenvolvidos com a alta tecnologia.

São trabalhadores que produzem os bens em condições precárias de trabalho, entretanto que não têm acesso a eles. Em suma, a miséria marca esta paisagem: homens, mulheres, crianças, idosos e jovens que exercitam dia-a-dia o convívio com a exclusão e sobrevivem das sobras de um sistema que tem como grande obstáculo a concentração de riquezas e o domínio do mercado.

Nesse contexto, o presente artigo enfoca, como tema central, os processos de exclusão encontrados na análise das trajetórias de vida dos catadores de material reciclado da comunidade Reciclo, com ênfase nas situações de exclusão e abandono no período denominado como infância. Momento esse determinante em que se inicia a convivência contínua com processos associados à exclusão e a negação de sua própria cidadania.

O grupo estudado era constituído por uma comunidade de catadores de material reciclável que era composta por 150 pessoas: adultos, crianças e adolescentes. Entre elas, sessenta catadores pertencentes à cooperativa, na condição de cooperados ou de agregados. Nesse grupo, quase a totalidade das famílias morava e trabalhava na Comunidade em habitações improvisadas e precárias feitas de lona. Algumas habitam nesse mesmo local, mas não pertencem à Cooperativa. Havia também nesse local o galpão provisório da Cooperativa, construído pela comunidade, em condições semelhantes às de suas habitações, o que o diferencia das outras construções do local era o tamanho e a sua finalidade, pois, além de armazenar o material, servia para reuniões de cunho social, religioso, político e também pedagógico com aulas de alfabetização para os adultos da comunidade.

Esse grupo populacional ocupava uma área do Governo do Distrito Federal – GDF, já há dez anos e se localizava em uma área especial entre as cidades de Taguatinga Sul e Águas Claras. Era considerada uma área de constante chegada de novos moradores, geralmente considerados pela população local como “invasores” de “terra pública”, “pessoas perigosas”, sofrendo intervenções de constantes derrubadas de seus abrigos, ação de retirada dessa população pelos órgãos de regulamentação do solo.

O presente artigo encontra aporte no conceito da hermenêutica contemporânea, compreendida aqui, como “uma reflexão filosófica e interpretativa sobre símbolos e mitos gerais” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1993, p.126). É uma construção no sentido de interpretar as trajetórias de vidas (pessoais e coletivas) dos catadores, num processo complexo e circular. Carvalho (2000) compreende que a análise hermenêutica de um fenômeno é a abertura de um espaço de interpretação na comunicação, em que considera como elementos fundamentais para uma análise hermenêutica os elementos da narrativa, da biografia e da identidade, compreendidos dentro de uma ação comunicativa, aqui se considerada, também, a concepção da relação dialógica (FREIRE, 2003).

Nesse sentido, a pesquisa que deu origem a este estudo utilizou-se dos métodos biográficos (MARRE, 1991), na perspectiva da modalidade trajetória de vida, como produtora de narrativas que, de acordo com Carvalho (2000), proporciona espaços de encontro da vida íntima do indivíduo com sua implicação na história. É um espaço privilegiado de compreensão dos fenômenos sociais e grupais em que o sujeito tem a oportunidade de recontar a sua história, ter neste espaço momentos de reflexão, estruturação e projetos.

Assim, a base do estudo anterior, foi a análise das trajetórias de vida que foram emergidas no decorrer das entrevistas semi-estruturadas, marcadas com antecedência com os sujeitos sociais da pesquisa e coletadas na própria comunidade, nas suas moradias individuais ou no espaço coletivo denominado de galpão comunitário.

Outra estratégia utilizada, ante a complexidade do fenômeno, foi a do diário de campo, como forma de registrar as impressões, expressões, gestos, questões que estiveram presentes no universo existencial da entrevista e também do contexto dos sujeitos sociais e a análise documental de algumas fontes escritas e produzidas pelos próprios catadores no decorrer do curso: formação social, política e ambiental, no qual os catadores participaram nos meses de julho, agosto e setembro do ano de dois mil e sete. Foram analisadas anotações dos trabalhos em grupos e registros individuais.

OS PROCESSOS DE EXCLUSÃO DOS CATADORES NO DECORRER DESSAS TRAJETÓRIAS

A análise biográfica das narrativas, articuladas ao diário de campo e a análise dos documentos, levaram nos a identificar alguns dos processos de exclusão presentes no decorrer das trajetórias de vida destes catadores.

O conceito de exclusão não estará centrado só na perspectiva do mundo do trabalho, mas como estamos lidando com relatos autobiográficos, na construção de trajetórias de vida, a análise biográfica das narrativas é concebida a partir da hermenêutica (GADAMER, 1999). Entretanto compreendemos que estas vidas são constituídas de sentidos, próprios das experiências de finitude humana, construída com o olhar do sujeito social que está e atua na sua própria história, o catador de material reciclável.

Ao nos aprofundarmos no conceito de exclusão, destacamos alguns autores que contribuíram para essa construção. Para Sela (2002): “Trata-se de exclusão da dignidade humana, criando uma enorme massa de descartáveis, os sem-nada”. Aqui compreendemos a

exclusão como a concretização dos processos de negação do próprio ser humano, da sua humanidade, processo este que constitui os sem nada.

Na concepção de Zaluar (1997), a exclusão está relacionada à negação dos direitos sociais ampliando-os para a concepção da cidadania na ótica das relações.

A exclusão, como manifestação de injustiça (distributiva), se revela quando pessoas são sistematicamente excluídas dos serviços, benesses e garantias assegurados pelo estado, pensados, em geral, como direitos de cidadania (1997, p.31).

Conforme Santos (2006, p. 280): “[...] a exclusão assenta num sistema igualmente hierárquico, mas dominado pelo princípio da segregação: pertence-se pela forma como é excluído. Quem está em baixo, está fora”. Entendemos que o autor relaciona o conceito de exclusão a segregação na condição de estar à margem. A exclusão é um “fenômeno cultural e social, um fenômeno de civilização”⁴. Nesse entendimento, essa concepção vai além das relações sociais e econômicas. Concretiza-se na segregação, o sujeito social está presente no contexto, mas não é percebido. Entendemos que essa concepção vai ao encontro à concepção de Freitas (2005, p. 99): “O conceito de exclusão destaca as formas de segregação, com origem nas questões culturais, espaciais, étnicas, desigualdades econômicas, além de um certo sentimento vazio da existência, muitas vezes associada à falta de alternativas para o futuro”.

Desta forma, ao iniciarmos o diálogo com as narrativas desses catadores algumas palavras são postas para definir a trajetória de suas vidas como: **dureza, sofrimento, vida difícil** ou apontarem que **não tiveram infância**.

O sentido da vida dos catadores é constituído na luta constante mesmo na infância ou em seus lugares de origem pela possibilidade de sobreviverem, convivendo com formas precárias de trabalho para manterem suas famílias. O contato com o trabalho infantil e as condições desumanas de sobrevivência, agrupadas a busca incessante de melhores lugares para resistirem, os levam as várias andanças e a diversos encontros e desencontros neste caminho a iniciar ainda na infância .

⁴ Ibid.

1.1 “NUNCA TIVE INFÂNCIA, NUNCA TIVE DIREITO”

A infância desses catadores é definida por eles como uma lacuna, algo não visível. Em sua grande maioria é percebida por situações de abandono, de extrema pobreza e perdas, processos em que estão presentes a compreensão de uma infância ligada à adolescência, mas já exercendo atividades de uma vida adulta de forma prematura. Sujeitos que já convivem desde cedo com a exclusão do direito de serem crianças.

Consideraremos o ser criança segundo a definição do Estatuto da criança e do adolescente – ECA (2001, p.09): “Art.2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade”. E também o seu estado de direito:

Art. 3º A criança e adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando – se - lhes, por lei ou por outros meios, de todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade⁵.

Ressaltamos, alguns destes catadores viveram sua infância ainda nos períodos dos anos 1960, 1970, 1980, 1990 e alguns nos anos 2000. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho-OIT (2004), poderemos considerar que nos dois primeiros anos apontados não havia neste contexto uma legislação específica e que nos períodos entre 1980 e 1992 a situação era preocupante, devido ao crescente do trabalho infantil no Brasil. No intento deste dado iniciam-se a constituição das legislações referentes ao direito da criança e do adolescente e a mobilização da sociedade civil para a questão.

Estas considerações são importantes para compreendermos como os catadores percebem os seus processos de infância no decorrer de suas trajetórias

Catadora P- Bom minha infância foi **um pouco difícil** com idade de 07 ano perdi meu pai. Aí ficou minha mãe viúva muito nova. Nos sofreu muito mesmo. Eu me lembro que como, logo após meu pai ter morrido eu trabalhava pra sobreviver. Com sete anos eu quebrava aquelas pedra, hoje chama concreto. Eu trabalhei muito tempo com aquilo ali, quebrando pedra, até hoje minha mão é atravessada de calo, sofremo muito [Grifos próprio] (Entrevista, 06/07/2008)

⁵ Ibid

Nessa narrativa, um dos elementos apresentados é o da perda no qual se faz presente deste os primeiros anos da vida dessa catadora. Outro elemento é apontado, a necessidade de se iniciar o trabalho infantil para suprir a ausência de um dos pais.

São crianças revestidas da responsabilidade de adultos e que enfrentam, no seu cotidiano, questões complexas de estarem à frente de núcleos familiares, como colabores de seus pais em torno do aumento da renda familiar, e nessa condição terem que assumir esses núcleos como única possibilidade de sobrevivência.

Essas lembranças trouxeram contextos do trabalho infantil vivenciados por estes catadores tanto no meio rural como no meio urbano. São sofrimentos que se deslocam nas mais diversas áreas brasileiras.

Catadora G - Bom eu nasci em Brasília mesmo né, aqui no Gama. I a gente morou só aqui em Brasília mesmo na cidade satélite Gama, Novo Gama e **assim minha infância eu quase não lembro nada, muito pouco. Assim, um pouco triste assim.** Minha mãe morava sozinha, meu pai largou dela e deixou a gente numa casa assim sem nada, ai foi onde **ela passou a trabalhar e deixar a gente sozinho.** Dentro de casa, era eu e meu irmão, é o mais velho. Era só nós três, era eu, ele e minha outra irmã. Ai foi onde ela foi trabalhar né, deixar a gente sozinha. Aí teve um tempo que não tinha como deixar a gente sozinha, a gente não tinha nem onde morar. A gente foi morar numa casinha, num barraquinho de aluguel. **Ela ia trabalhar numa creche e deixava eu e meu irmão e a gente ficava o dia todo comendo goiaba verde deitado na rede [risos].** Aí chegou um tempo que ela não agüentava mais vê tanto sofrimento e colocou a gente na creche, eu e meu irmão e ficou com a minha irmã. I lá na creche a gente foi muito mal tratado, a gente apanhava, **a mulher da creche pegou eu e meu irmão pra trabalhar assim como se fosse de escravo na casa dela .** Ela já não deixava na creche, a gente já morava na casa dela isso foi lá no Novo gama. Aí a gente, sabe, **ela fazia a gente de escravo, batia demais sabe, ia dormir meia noite e acordar cinco horas da manhã pra fazer as coisa, foi uma vida muito sofrida né** [Grifos próprio] (Entrevista, 19/07/2008).

A catadora G expressa uma infância em que convive com o abandono da mãe, já que esta teria que trabalhar para garantir a sobrevivência da família e a situação de não ter com quem deixar os filhos. A creche surgiu como uma ação para minimizar a situação, mas esta se torna uma ação de exploração do trabalho infantil e de situações concretas de maus tratos, processo evidente também no relato biográfico da catadora H. São instituições ou pessoas que

se oferecem para o amparo desses menores, mais que em troca recebem mais uma mão de obra infantil.

O trabalho infantil traz a marca da negação da condição do ser criança e do ser adolescente no qual a catadora I relembra sua infância e a concebe como um direito que lhe foi negado.

As experiências relatadas trazem o peso moral da perda e da exclusão vividos também por seus pais envolvidos a situações de extrema miséria os impedindo de exercerem o papel de pais. Alguns são retratados como pessoas despreparadas para exercício dessa função do cuidado com os filhos. Assim, são núcleos familiares constituídos de extrema exclusão como é o caso da catadora I que caracteriza seus pais como pessoas em situação de rua, segregadas ao mundo dos considerados descartáveis. São crianças obrigadas a deixar a escola e submetidas ao trabalho como condição para a sobrevivência, abandonadas a própria sorte e ao determinismo de terem que agir como adultas, mesmo na mais tenra idade.

Outro fator percebido é a presença do álcool nesses núcleos familiares conforme relato da catadora I. Freitas (2005) aponta que o álcool é utilizado pelas pessoas em situação de exclusão, no cenário da rua, como forma de enfrentarem as conseqüências de exclusão, processos complexos do cotidiano, essa confirmação articula-se ao relato da catadora I.

O alcoolismo se faz presente também na narrativa da catadora H, aqui os processos de exclusão se deram no lar, caracterizado pelo abandono dos pais. A mãe se ausentava por períodos longos devido ao trabalho, e os filhos conduziam este núcleo familiar se estendendo aos cuidados com o pai doente, o alcoolismo nesta situação concretiza-se em uma situação de fuga dos problemas provenientes do próprio lar. Na concepção da catadora H, os conflitos existentes no lar com o alcoolismo do pai, e a doença que o acometia e o alcoolismo da mãe, levaram essa catadora para o alcoolismo ainda na infância. Uma situação merece destaque: mesmo a mãe sendo caracterizada como usuária do álcool isto não lhe tirava a imagem de uma mulher honesta, que trabalhava para manter sua família, considerada pela filha como trabalhadora.

Essas narrativas evidenciam outra situação, no contexto da infância negada, a completa ausência da palavra escola ou de algum tipo de aprendizagem relacionada ao setor educacional nos relatos dos catadores H, G, P, J, Q e C, mas que na narrativa da catadora I este ponto é ressaltado pela impossibilidade da permanência na escola. Para essa catadora a

escola representa uma instituição que não lhe abriga possibilidades devido ao trabalho infantil. Esse ponto também foi encontrado nas narrativas da catadora L e do catador N, são verificadas constatações dessa impossibilidade do direito à escolarização.

A escola apresenta-se incapaz de buscar formas de incluir esses pequenos trabalhadores, constitui-se algo que lhes parece impossível, pois seu acesso e a sua permanência vão depender do tempo, situação complexa, já que esses catadores, desde a infância precisaram trabalhar para manterem suas famílias como nos relata o catador N. Esses são alguns dos aspectos que os fazem abandonarem a escola.

Catador N- Na minha infância eu trabalhei assim, de vigiar carro assim, eu tinha de treze ano pra catorze ano assim. **Eu estudava, mas só que eu estudei um ano e não aprendi nada.** Só trabalhando e ajudar meu, nessa época minha mãe não morava aqui, ela morava em Maranhão pra eu trabalhar pra mim buscar ela. [Grifos próprio] (Entrevista, 9/07/2008).

Para Gentili (2003, p. 41) “Escola para todos, sim. Mas direito à educação para poucos”. Esses pequenos trabalhadores ficam segregados à negação do direito à educação. Alguns elementos constituem este panorama: a dificuldade econômica que essas famílias articuladas a situações de extrema miséria; a burocracia do sistema educacional em não reconhecer a exclusão em que vive uma determinada parcela da sociedade, mesmo que esta realidade esteja próxima ou porque não dizer vizinha de determinadas instituições educacionais; e a própria condição do trabalho infantil e ou infante juvenil a que os menores são submetidos. Esses são alguns fatores que causam o abandono da escola no relato dos catadores pesquisados, como o da catadora B:

Catadora B- [...] lá em Santo Antônio morando lá e estudando, só que quando eu passei pro 1º ano do primeiro grau, aí, né teve que comprar uns cadernos e uns livros que era muito caro, aí mãe não conseguia comprar, aí eu tive que sair da escola, aí eu tive que sair, aí eu sai, isso tem uns seis anos, isso aconteceu, aí eu sai da escola [...] aí nós começamos a trabalhar [...] os meus dois irmãos continuaram estudando e eu não fui pra escola mais porque quando eu tive que me matricular na escola eles pediram um monte exigência e tinha que estudar a noite, mas eu não quis porque aqui era muito perigoso ,no começo, até hoje é um pouco né. Aí eu decidi em não ir mais a escola, aí nesses dias agora eu tentei ficar na escola ai eu não agüentei, me deu falta de paciência, aí eu sai da sala. (Entrevista, 02/06/2008).

Alguns temas nos chamam atenção nos relatos dos catadores que abordaram a escola e a sua impossibilidade. Um aspecto que percebemos: as idades destes catadores que variam entre quarenta e vinte dois anos⁶. Este dado nos informa que essas experiências ocorreram entre os anos setenta, oitenta e nos anos noventa, algumas chegando ao início dos anos dois mil. Essa situação nos leva a refletir sobre as mudanças representativas que ocorreram na escola nesse período na perspectiva da inclusão e o porquê não chegaram a essas pessoas. Outro elemento para a nossa reflexão é perceber que essas escolas se localizam tanto no meio rural como no meio urbano, uma delas é situada no Distrito Federal-DF e a outra no entorno do DF.

Assim, constatamos que a realidade não encontra justificativa na falta de escola, mas, sim, que estas possam fazer o caminho contrário, saírem da concretização da garantia, da manutenção e da legitimação de uma sociedade desigual e partirem, o mais urgente para uma práxis pedagógica baseada na concepção de Freire (1987) com o intuito da formação de cidadãos plenos. Com isso, passar a conceber o ser humano como um ser da práxis, ser da ação, da reflexão, capaz de nomear o mundo para transformá-lo, dessa forma a escola poderia conceber a história como um espaço de criação e não de legitimação do status quo. Acreditamos que a escola tenha que desvelar a importância da esperança para a existência individual e social do ser humano (FREIRE, 2003).

Este pode ser um discurso recorrente, mas torna-se legítimo, quando nos encontramos com realidades como as relatadas pelos catadores. São segmentos da sociedade que ainda estão segregados à exclusão, lutando diariamente pelo atendimento das necessidades básicas do ser humano, desse modo, a luta pelo direito à escolarização de forma ampla se constitui uma meta urgente e concretiza a desigualdade da relação entre aqueles que têm o direito à educação e desses que são esquecidos à margem do processo educativo, essa luta se revela desigual no contexto da democratização escolar.

Esta afirmação é confirmada na narrativa da catadora L.

Catadora L- Eu nasci em Feira de Santana na Bahia mais não conheço vim pra cá muito criança. Voltei lá umas duas vezes mais também não conheci a cidade só de passagem, mas fui criada morando no Goiás, mas trabalhando aqui no DF. **Então eu saía todo dia de manhã desde pequena com sete anos eu já trabalhava, eu saía de casa deixava meus irmãos e vinha trabalhar aqui no Plano, vendia doce no semáforo e passava o dia**

⁶ -Dado retirado da Ficha de Cadastro pertencente a Pastoral da Evangelização e Construção Social.

todinho. Quando eu chegava às vezes dava pra mim ir pra escola as vezes não dava pra eu estudar. Ali era diariamente. Nessa época eu morava em Santo Antônio eu tinha por volta de sete anos mais ou menos. Eu já trabalhava, já vendia doce no semáforo pra ajudar em casa. Saía cedo de mais e chegava muito tarde. Eu estudava a tarde, duas hora mais nunca chegava no horário. Aí, eu fui deixando de estudar por que eu tinha que trabalhar desde pequena. Assim eu não tive infância não podia estudar por que eu tinha que trabalhar, não podia brincar por que eu já tinha uma responsabilidade muito grande, eu já tinha que trabalhar para poder ajudar meu pai a criar meus irmão, por que como ele era separado e teve três filho da minha mãe e mais três da minha madrasta que me criou então, tinha que por eu ser a mais velha eu tinha que trabalhar pra sustentar toda aquelas criança. Eu não me considerava como uma criança, não, eu já tinha uns quinze ano eu já tinha responsabilidade pra sair lá do Goiás pro DF trabalhar e ter que voltar pra casa com dinheiro pra ajudar. E assim foi minha infância e minha adolescência [Grifos próprio] (Entrevista, 20/07/2008).

São imposições de modos de vida que estes sujeitos foram obrigados a enfrentar no decorrer de suas trajetórias para poderem não se amortizar por completo. São sujeitos que lidam, desde a infância, com processos complexos da negação do ser humano em que são tratados pelo Estado como “pessoas indesejáveis” e este os apresenta o poder da repressão, já desde a infância, quando moram em ocupações nos centros urbanos.

Catadora K- A minha mãe catava, antes ela catava pouca coisa, porque ela não sabia tudo que era reciclado, só papelão. **E a gente costumava vender doce no sinal, né? E quando o trem apertava, porque não era suficiente, porque até você juntar uma carga de material, até você vender um doce pra poder comprar alguma coisa pra comer já morreu quem tinha fome, né? Então a gente tinha que ir mesmo pras porta pedir esmola, entendeu? Pra poder pedir um prato de comida, café pra tomar café e assim por diante. Então é assim que a gente se mantinha durante essa temporada todinha aí. [...] morava numa invasão ali na Rocinha, na Samambaia. E eu fiquei em pânico porque teve uma operação também da BOPE na qual assim, tocou fogo, jogou bomba dentro dos barraco, entendeu? [...] Aí o pessoal saiu colhendo a gente assim pra dentro de um barraco pra dentro de uma casa, né? [...] Não, eu moro ali do outro lado da rua. Sem morar coisa nenhuma. Só pra sair dali daquele inferno, entendeu? Que era bomba, tiro de borracha. Foi uma coisa assim, muito feia, apavorante, entendeu? Então assim, a partir daí a gente saiu de lá, não tinha nem como ficar. Então foi quando a gente começou a trabalhar bem duro no sinal vendendo doce, né? **E assim, o****

pessoal chamava a gente pra prostituição, né? Chamava pra roubar. Chamava, sabe? Soltava piada, assim muito forte assim, que eu caía em desespero, chorando. E eu falava meu Deus, não é isso que eu quero pra mim, não é isso que eu quero pra minha vida, entendeu? E eu não vou aceitar. Não vou concordar de jeito nenhum. E veio outras pessoas que vendiam com a gente e veio e falavam assim: “[...], se aparecer fulano de tal aqui me oferecendo tanto pra mim poder, sabe? me entregar, pra mim mostrar meu corpo, eu vou. Só pra mim poder conseguir o dinheiro pra poder levar pros meus pais poder se alimentar”. Entendeu? E eu falava assim eu não faço. Eu não vou. Eu não vou abrir mão de jeito nenhum pra poder conseguir isso dessa maneira suja, entendeu? Eu não vou. Vou trabalhar. Vou correr atrás. [...] **De jeito nenhum eu vou aceitar esses abusos deles. De forma nenhuma. Porque a gente recebe muito, entendeu? E eu chegar a um ponto assim de adoecer, entendeu? No sinal, vendendo assim, do pessoal vim com tanta pressão. Porque você é nova, uma criança, nova, tava ali vendendo até altas horas da noite, né? Então o pessoal já pensa outras coisas erradas. Aí não vê o lado da necessidade mesmo da pessoa. Então assim, era muito humilhante. Muito, muito mesmo. Assim, que eu cheguei a pegar meus cabelo e faltar arrancar assim, e dá um jeito de entrar em contato ligeiro com a minha mãe, pra mandar vim me buscar porque eu não tava dando conta nem de chegar na rodoviária pra poder vir embora do Plano. E assim, são coisas muito forte, muito, muito forte que assim, eu não queria que eu meu filho passasse, que muitas crianças e adolescentes não passem assim, de jeito nenhum. Porque é dolorido, muito dolorido, entendeu? E teve uma época que já aqui na invasão a gente tava por um aperto muito[...]** E aí eu saí andando assim, simplesmente parar um carro e falar assim: “Oh menina me mostra seus peitos que eu te dou cinquenta reais agora”. Aí eu falei assim, eu não sou nenhuma mulher da vida pra fazer isso não, sabe? E ele: “Você num tá chorando? Num tá passando necessidade?” Como se ele soubesse, assim, querendo forçar. Tô, mas não é por isso que eu vou ceder coisa alguma errada, entendeu? Eu não vou. Aí ele falou assim: “- Entra no meu carro, é rapidinho. Você só me mostra os seus peitos”. Eu não vou mostrar de jeito nenhum e fiz a volta ligeiro, entendeu? E saí correndo pra dentro de casa, né? Lá na frente, vim correndo ligeiro assim até chegar e depois eu raciocinar e falar: Meu Deus do céu, isso é a tentação do diabo, pra gente se entregar, pra tá fazendo alguma coisa errada. E por uma coisa que eu podia até pegar, mostrar, né? Tão simples. Já tava lá na rua [Grifos próprio] (Entrevista, 03/06/2008).

Nesta narrativa a catadora K, e recordando também o relato anterior da catadora I, podemos considerar que essas catadoras são filhas de catadores e demonstram em suas narrativas a sobrevivência precária dessas famílias. A catadora K revela que a falta de

alimentação os leva, em diversos períodos dessa trajetória, a pedirem esmola em especial os que estão à frente do núcleo familiar, cuidando dos irmãos, enquanto os pais trabalham na coleta. A figura materna e paterna se desloca para DF e deixam suas famílias no entorno, só retornam a esse núcleo quando conseguem vender o material recolhido.

Outra situação argumentada pela catadora K é a dificuldade de as meninas se manterem longe dos diversos convites a participação de roubos e prostituição infantil, situações em que as crianças, que trabalham e vivem nas ruas dos grandes centros e ou que ficam sozinhas em seus lares à frente dos núcleos familiares estão expostas. O convite a prostituição infantil violentava a catadora K, diariamente, causando-lhe danos físicos e emocionais. Essa luta era diária na escolha da resistência, para se manter íntegra, tal qual havia deixado seu lar.

O Estado se faz presente na lembrança dessa catadora. Foram lembradas as ações que envolviam os processos de retirada, isto acontecia nas ocupações, locais em que vivia com a família. Nesses espaços, a presença do Estado é materializada como o algoz, aquele que lhe nega a condição do estado de direito.

Outra narrativa que observamos a presença desse mesmo Estado é encontrada no relato da catadora F. Nesse registro, o Estado executa as operações das frentes de trabalho, chamadas por alguns de frentes de emergência e que crianças também trabalham nessas frentes para ajudar seus pais.

Catadora F- É então, eu nasci na Bahia né. Santa Maria da Vitória. Eu vivia com a minha mãe, quando eu era pequena eu vivi com a minha mãe [...] **o serviço que eu fazia lá era varrê rua, comecei a varrê rua com uns doze ano, que eu fazia rua, eu, minha mãe e minha irmã mais véia. Aí, quando chegava o dia de receber o governo falava que não tinha mais dinheiro, que não tinha pagamento naquela sexta feira.** Chegava, voltava pra casa, aí minha mãe tinha uma muié lá que fazia compra fiado pra pagá no mês, no dia certo. Quando chegava no dia certo não tinha o dinheiro pra pagá. Aí a muié, não, não esquenta não, deixa pra pagar no dia que você puder, aí nos comprava, comprava, comprava. Inté hoje nós ainda deve a muié, ainda por que quando nós recebi ainda era pouco. Não recebia o que a gente trabalhou [Grifo próprio] (Entrevista, 21/08/2008).

Assim, a lacuna aberta desde a infância os criou meninos e meninas que se reconhecem com personalidade de “viradores” para buscarem no caos, as desafiantes possibilidades de sobrevivência.

Catador A- [...] Nós chegamo na cidade que não conhecia ninguém, então a gente não conhecia ninguém então é muito difícil. Quando você chega na cidade que não conhece ninguém, sem dinheiro. Não tinha nada, passando fome e tal e um tempo de chuva, muito chuvoso, isso em setenta e dois, i a gente sofreu muito, teve que lavar carro sem saber pra ganhar dinheiro, pra sobreviver, meu padrasto saiu pra procurar emprego passou três pra chegar em casa e a gente sem saber onde ele estava. **E como toda vida fui uma pessoa assim, gostava sempre de correr atrás.** Então sai andando pelo meio da rua, achei uma casa véia [...] e achei o lugar pra butar minha mãe e meu irmão, [...] peguei e fui aluguei essa casa lá, butei minha família dentro e depois de uns 08 dias que descobrimo de quem era o dono. E mamãe com medo do pessoal brigar porque a gente não conhecia o dono e a mulher disse não, a mulher morava num prédio de primeiro andar e os barraquinhos era tudo embaixo, umas lojinhas abandonada. Ela disse: eu sou a dona, vocês pode ficar aqui tranqüilo, seu filho, eu não sei como ele teve coragem de limpar isso aqui, porque tava daquele jeito [Grifo Próprio] (Entrevista, 08/07/2008).

Uma situação foi percebida em todas as narrativas que apresentavam relatos sobre a infância era a presença do trabalho infantil. O trabalho se diferenciava em suas características, considerando os contextos urbano e rural. No urbano, o trabalho aproximava-se do fazer doméstico, da venda de doces nos sinais de trânsito e da ação de vigiar carros. No meio rural as atividades são centradas em atividades como o lidar com a terra, nas pedreiras ou mesmo auxiliar os pais no labor das frentes de trabalho. Uma questão apresentava-se única, a consciência do sofrimento causado pela segregação do direito à infância e à adolescência.

Adolescência e infância se misturam como nos relata a catadora L:

Catadora L - Aí me virei mulher na mesma situação, quando eu tinha quinze ano eu conheci o pai dos menino a gente começou a namorar e a gente começou a namorar e logo eu engravidei e ai quando eu engravidei da minha primeira filha, meu pai aquele homem muito antigo não aceitou, me expulsou de casa aí, a responsabilidade foi maior, aí o [...] nunca tinha trabalhado assim só trabalhava em casa cuidando da mãe dele e a responsabilidade foi grande pra sustentar, sustentar filho mais marido. Então eu trabalhei desde pequena quando eu fui morar com ele eu tava já com dezessete ano, trabalhava grávida, trabalhei minha gravidez , todinha pra poder pagar aluguel, pra comprar comida, essas coisas (Entrevista, 23/07/2008)

No relato da catadora L, a adolescência só dava continuidade ao processo do trabalho, só que neste a responsabilidade era maior devido à necessidade de zelar pelos filhos e também pelo companheiro, início de um novo núcleo familiar.

Dessa forma, a infância desses catadores é legitimada por sua própria negação, são segregados do direito de serem crianças e adolescentes, pois o trabalho infantil, o abandono à escola, e as situações de extrema miséria a que estão expostos legitimam sua exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de exclusão na análise das trajetórias de vida dos catadores de material reciclável iniciam ainda no período da infância no qual convivem com situações de extrema miséria que materializa a negação da dignidade humana.

Alguns já convivem com a realidade da atividade laboral futura e também com todos os percalços que esta atividade os trará, pois já são filhos de catadores ou de pessoas que vivem e trabalham nas ruas com a coleta de material reciclável.

Outro fator determinante é o não acesso à escola e também a dificuldade da permanência devido as ocupações e responsabilidades de cumprirem o papel de mantenedores de seus lares. Outra questão imposta é a exclusão sofrida por estes sujeitos no interior desta instituição, provavelmente por materializarem os problemas sociais considerados por uma determinada maioria como sendo aqueles que devam estar fora do contexto pedagógico da escola. Com isso, estes sujeitos concretizam sua presença no trabalho infantil, ação que os leva diariamente a terem contatos com situações de riscos como: a prostituição infantil, a execução de pequenos crimes e ao abandono escolar.

Conclui-se que o Estado trabalha em duas frentes: a repressão e o abandono, quando não assegura o direito a educação e a infância destes pequenos cidadãos, pois não encontramos até o momento a viabilização de projetos específicos a esta camada, como forma de garantir o direito a infância e a juventude destes pequenos, que voltam as ruas diariamente como estratégia de garantirem a renda de suas famílias.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com os excluídos*. São Paulo: Paulinas, 1998. 18 p.
- BRASIL, Estatuto (2001). *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília, DF: Senado Federal, 2001. 92p.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção do Sujeito Ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental*. Rio Grande do Sul, 2000. 411p. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul; 2000.

FILHO, Benício de Melo. *O valor econômico e social do lixo de Brasília*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005. 78 p.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 245p.

_____. SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 224 p

FREITAS, Maria Vany de Oliveira. Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. 299

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método; traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 7ed. Petrópolis: Universitária São Francisco, 1999. 736p

GENTILI, Pablo; A exclusão e a escola: o apartheid educacional como política de ocultação. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto. A exclusão e a escola: o apartheid educacional como política de ocultação*. Petrópolis: Vozes, 2003,p. 11- 43.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar,1993. 295p.

MARRE, Jacques Leon. *História de vida e Método Biográfico*. IN: Cadernos de Sociologia, Porto Alegre: UFRGS,v.3,n. 03 ,p. 89-141, sem.1991.

MNCR. *Coordenação do Movimento Nacional dos catadores de materiais recicláveis. Apresenta textos sobre o Histórico, informações, dados, leis e documentos sobre o movimento dos catadores*. Disponível em: <http://www.movimentodoscataadores.org.br>

Acesso em 20 jan. 2008.

RODRIGUES, Francisco Luiz; CAVINATTO, Vilma Maria. *Lixo: de onde vem? Para onde vai?* São Paulo: Moderna, 1997. 79 p.

SANTOS, Boaventura de S. A gramática do Tempo: para uma nova cultura política. in: SANTOS, Boaventura de S. *Nuestra América. Reinventar um paradigma Subalterno de Reconhecimento e Redistribuição*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 191-223.

_____. A gramática do Tempo: para uma nova cultura política. in: SANTOS, Boaventura de S. *A ecologia dos saberes*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 137 -165.

SELA, Adriano. *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo: Paulus, 2002. 148. p.

- SOUZA, Cleide Maria de. *A dinâmica prazer-sofrimento na ocupação de catadores de Material Reciclável: Estudo com duas cooperativas do Distrito Federal*. Brasília, 2007. 116 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília; 2007.
- ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.12, n.35, out. 1997.
- KASSOUF, Ana Lúcia (orgs). *O Brasil e o trabalho infantil no século 21*. Brasília: OTI, 2004. 120 p.